

**A REPRESENTAÇÃO DO GÊNIO E DO HOMEM DE GOSTO:  
CONSIDERAÇÕES E RELAÇÕES DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA À ROUSSEAU**  
[THE REPRESENTATION OF THE GENIUS AND THE MAN OF TASTE:  
CONSIDERATIONS AND RELATIONS OF CLASSIC ANTIQUITY TO  
ROUSSEAU]

**Roney Francisco Lima LUNA**

Graduado em Filosofia pela UFMA

**Luciano da Silva FAÇANHA**

Professor de Filosofia da UFMA

Email: luciano.facanha@ufma.br

**Resumo**

Na história da filosofia, é perceptível a existência de uma dificuldade em relação ao indivíduo criador daquilo que deu-se o nome de representação artística. Da antiguidade clássica até a modernidade, determinou-se, sob a luz de algumas correntes de pensamento, conceitos relacionados às características do artista. Entre a representação de um Gênio divinamente inspirado e a representação de um Homem de Gosto apurado por sua formação educacional, transitaram estes conceitos. Propõe-se examinar e expor o pensamento de alguns autores da antiguidade grega ao filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau.



20

**Palavras-chave**

Filosofia; Representação; Gênio; Gosto; Educação.

**Abstract**

In the history of philosophy, it is noticeable that there is a difficulty in relation to the individual creator of what was the name of artistic representation. From classical antiquity to modernity, it was determined, in the light of certain currents of thought, concepts related to the characteristics of the artist. Between the representation of a divinely inspired Genius and representation of a man of refined Taste for your education, entered these concepts. It is proposed to examine and expose the thought of some authors of ancient Greeks to Geneve philosopher Jean-Jacques Rousseau.

**Keywords**

philosophy; Representation; Genius; Taste; Education.

## 1. Introdução:

Desde os gregos, talvez muito antes deles, até a contemporaneidade, uma infinidade de ideias foram elaboradas e deixadas por homens iluminados que vez ou outra pontuam a história da humanidade. Houveram algumas divergências quando tratou-se de conceituar o artista, ou seja, o indivíduo que produzia o que chamou-se de arte.

Dentre estes conceitos, percebe-se que dois passaram a se revezar nos pensamentos de alguns dos grandes intelectuais e suas correntes de pensamento. De um lado, o gênio, pura inspiração, do outro, um homem devidamente letrado no assunto. Dessa forma, haveria inspiração divina que transbordava o indivíduo fazendo com que este produzisse com excelência? Ou existia o método para criar necessitando somente que quem quer que almejasse produzir arte, precisava apenas ter uma formação educacional para isso?

## 2. Entre a inspiração divina e uma educação racional na antiguidade grega

Oxalá tivesse designado aos homens uma única qualidade. Quantos problemas, quanta angustia e sofrimento teria evitado aos mesmos o mais humano dos Titãs, se tivesse dado a raça humana asas ou garras ou ainda uma carapaça para se esconder. Mas devia Prometeu e seu irmão Epimeteu fazer do homem um ser superior aos demais animais. Nas palavras de Jean–Pierre Vernant (1990, p. 318):

Epimeteu esbanja todas as qualidades disponíveis em proveito dos animais, sem deixar nada aos homens. Prometeu, para reparar o mal, rouba o fogo, isto é, o gênio criador das artes, na oficina de Hefesto e de Atena. Os homens têm então em mãos todas as técnicas.

De fato era preciso dar aos homens algum atributo que os tornassem senhores dos demais animais, todavia, segundo nos relata Vernant, já não havia sequer uma qualidade que pudesse ser destinada aos mesmos cumprindo esse desígnio. Foi a desmemória de seu irmão, que fez Prometeu cometer tal delito contra o soberano dos olímpicos. Daí em diante, a raça humana seria capaz de dominar as artes e assim tornou-se superior aos demais animais.



Tendo o poder de controlar todas as artes e de nenhuma tornar-se refém, a humanidade deixou o seu simplório lugar de obra mal acabada para assentar-se no trono real acima de todos os seres viventes da terra. No entanto, este poder criador tão divinal em sua essência, supera a constituição do homem como unidade, como sujeito. O gênio criador das artes fora dado à humanidade, a este rebanho de indivíduos e não a um único homem. Para compreendermos melhor, recorramos à Vernant:

Finalmente, Zeus deve enviar Hermes para junto dos homens a fim de lhes transmitir, com o sentido da honra e da justiça, a arte de governar as cidades. Entretanto o mensageiro pede ordens mais precisas sobre a maneira de cumprir sua missão. Deve agir como Prometeu o fez em relação às técnicas, dando a cada um uma arte diferente daquela das outras? Não, todos participarão em comum da arte política (VERNANT, 1990, p. 319).

A todos os homens foram dadas as artes, mas a cada um foi designado uma a qual este teria maior domínio. Assim, o ferreiro o é, pois a ele foi designado a técnica de forjar peças de ferro. Do mesmo modo todos os outros artistas o são.

Ora, qual motivo teria feito o Titã assim distribuir as técnicas? Não teria ele tornado-se criador de seres divinais se a cada homem tivesse dado o poder de dominar todas as artes ao mesmo tempo? Não seriam os homens mais felizes se não necessitassem sair de seu templo interior da perfeição e completude para buscar no outro algo necessário?

Teria Zeus enviado Hermes para ensinar a arte política se os mesmos não interagissem entre si? Ainda que o rei dos deuses enviasse seu mensageiro com tal tarefa, muito pouco ou nenhum proveito haveria disto já que os homens seriam autônomos entre si. Carrasco dos Titãs, o mesmo que tu condenaste por roubar teu fogo, fora quem tornou necessário que a arte atribuída a ti fosse disseminada entre os mortais.

Os homens agora dominando tudo quanto era possível na terra, aprimoravam ao longo do tempo seus talentos. Mas era necessário aos deuses que os mortais tivessem ciência não só de sua divina existência, mas também de todos os grandes acontecimentos envolvendo os deuses e os próprios homens. Surge então a figura de um artista que não trabalha com ferro, não prepara a terra para o plantio, tão pouco é bom na arte de caçar animais. Seus melhores atributos eram uma excelente memória e a palavra que saía facilmente de sua boca.



Entre a boca dos deuses e os ouvidos dos demais homens surge a figura dos poetas. Homens tão honrados, tão célebres por serem porta-vozes das divindades. Dirigiam-se rotineiramente a morada das Musas para destas, em momentos de êxtase, receberem o conhecimento que devia ser repassado aos demais mortais. Digníssimos senhores, que desfrutavam do contato com o divino, quanta sabedoria não possuíam em seu logos? Quanto bem não fizeram aos homens cada vez que aceitavam seu dever e transmitiam de maneira genial o que deviam todos os mortais saberem?

Por muito tempo foram estes mui honrados senhores que estiveram à frente da educação dos demais homens, ensinando-lhes tudo quanto prescreviam os deuses. Mas a criação do rebelde Prometeu, viria a segui-lo nesta característica. Quando este distribui aos homens o fogo, ele acendeu a força criadora do gênio das muitas artes, como também uma chama de liberdade no âmago destes seres.

Da cidade predileta da deusa das artes surgiu um homem, que mais parecia um semideus. O parceiro de ideias de Atenas lutou arduamente contra o que para ele era o principal problema dos poetas:

Com efeito, o poeta é uma coisa leve, alada, sagrada, e não pode criar antes de sentir a inspiração, de estar fora de si e de perder o uso da razão. Enquanto não receber este dom divino, nenhum ser é capaz de fazer versos ou de proferir oráculos. Assim, não é pela arte que dizem tantas e belas coisas sobre os assuntos que tratam, como tu sobre Homero, mas por um privilégio divino, não sendo cada um deles capaz de compor bem senão no gênero em que a Musa o possui: um nos ditirambos, outro nos encômios, outro, ainda, nos hiporquemas; este na epopeia, aquele no jambo. Nos outros gêneros, cada um deles é medíocre, porque não é por uma arte que falam assim, mas por uma força divina, porque, se soubessem falar bem sobre um assunto por arte, saberiam, então, falar sobre todos. E se a divindade lhes tira a razão e se serve deles como ministros, como dos profetas e dos adivinhos inspirados, é para nos ensinar, a nós que ouvimos, que não é por eles que dizem coisas admiráveis – pois estão fora de sua razão –, mas que é a própria divindade que fala e que se faz ouvir através deles (PLATÃO, 1988, 534d-e).

Almejava aos homens a autonomia que lhes era devida. A autonomia de, por intermédio de sua razão, gerirem suas relações. É embaraçoso ter como maiores sábios homens que mal conseguem estar lúcidos no momento de recepção das ideias dos deuses. Mais que o sentido político engendrado na citação, devemos perceber o surgimento de uma nova forma de pensamento sobre arte: arte racional.

Não mais se aceita a ideia de um gênio que apenas reproduz saberes dos deuses, e que criaria por inspiração, como acontecia com os poetas. O criar deve ser um processo racional do gênio criador. Era fato, como demonstrou Sócrates, que se fossem



verdadeiramente gênios, como tentavam parecer, saberiam criar racionalmente e de maneira geral, em qualquer forma de poesia, antes, criavam bem apenas por orientação da Musa que os inspirava.

O homem mais sábio do mundo segundo o oráculo délfico, advertia-nos de um perigoso gênero de homens que, já na Antiguidade, assolavam a raça humana. Mais que isso, mostrou-nos o véu que cobre o problema do ser e parecer.

Agarrem-se, seja quem for, à verdade e a justiça. Seja eterno servo destas duas senhoras e nunca encontrará sobre si a ira do ministro dos louvores à ignorância. A falta de dedicação para com estes dois princípios, era o grande problema entre as duas correntes de pensamento representadas por Sócrates e pelos poetas. E uma das heranças ao seu mais brilhante pupilo.

Não sendo os poetas comprometidos com a verdade e a justiça e sendo estas duas os fundamentos de uma república ideal, o que fazer com um perigo tão iminente? Arriscar a segurança e o bem público não eram opção ao herdeiro de Sócrates:

Quando um poeta falar assim dos deuses, haveremos de irritar-nos, não lhe faremos coro e não permitiremos que os mestres se utilizem de suas fábulas na educação da juventude, se é que desejamos que nossos guardiões sejam piedosos e divinos na maior medida em que mortais o possam ser (PLATÃO, 1997, p. 383c).

Sócrates e Platão concordavam que já não cabia aos poetas educar os homens. Devia haver pessoas que estivessem mais preparadas e fossem portadoras do gênio educador. Novamente, ainda que seja essa interessantíssima questão a percorrer pelo âmago da política, não cabe demorarmos nesta. Compreender o que aqui pode nos ajudar futuramente em se tratando de Estética sim.

Mestre e discípulo estão ambos preocupados com quem cria a obra. Se o poeta quer ensinar, não pode ele ser alguém de má índole, pois muito provavelmente poderá ensinar verdades e mentiras. Tem de existir alguém com o gênio educador e que esteja preocupado com a verdade. Não por coincidência, aqueles chamados filósofos, seriam entre todos os demais cidadãos, os que mais demonstravam preocupação com a verdade e a justiça.

Mas fora o preceptor do grande Alexandre que, podemos dizer, elaborou um tratado referente à Estética. A *Poética* de Aristóteles nos coloca em outro paradigma em si tratando de seus antecessores. Se aqueles preocupados estavam com o artista, para este é



necessário que o artista saiba bem fazer. Decorre disto que sua obra foi um tratado das características que uma obra, as tragédias em particular, teria que ter para serem belas.

Mesmo o peripatético passando a ter um novo objeto de preocupação, uma coisa é certa, ainda continuamos no jugo de uma arte que tem função de educar. Arte para ele é *mímeses*, imitação. Os pintores imitam a natureza por meio de formas e de cores, os artistas trágicos imitam por meio de ações. Existindo pessoas melhores e piores, boas e más, há que se convir que também existissem representações de ambas as espécies de pessoas: “A mesma diferença separa a tragédia da comédia: esta quer fazer a *mímesis* de homens piores que os de agora; aquela, de melhores” (ARISTÓTELES, 2006, p. 37).

Muito pouco ou nada se pode aprender de bom com pessoas más. O excesso era a característica do gênero da comédia em tempos de medida. O filósofo de linhagem intelectual real, talvez não tivesse em mente isso, mas acabou dando o veredito do que seria daí em diante, talvez até a contemporaneidade, o perfil genérico de tragédia e comédia.

Mas nos é suficiente compreender que Aristóteles renova a ideia de arte quando nos demonstra os parâmetros do bem fazer. Não seria mais necessário o fogo divinal ardendo dentro do artista, tão pouco importava a índole deste. Era necessário apenas que seguissem este molde. Suficiente era termos homens letrados na estrutura poética que este demonstrou com tanta precisão e qualidade. A forma fora entregue, bastava apenas usá-la.

Aqui ou acolá, a história nos privilegia com homens de um bom senso e *logos* extraordinários. Homens que a frente de teses que, mesmo tendo partido de um mesmo ponto, pareçam correr para fins diferentes, conseguem mostrar que melhor seria se estas fossem ponderadas e utilizadas juntas para a solução do problema.

### **3. Boileau e a possibilidade de uma síntese**

Na modernidade, Boileau demonstrou que melhor que assegurar a virtude ou a forma à obra, era dar a esta os dois. A arte deve agradar e ser útil: "Autores, prestem atenção às minhas instruções. Querem que suas ricas ficções sejam admiradas? Então, que sua musa



fértil em sábias lições una, por toda parte, o sólido e o útil ao agradável" (BOILEAU, 1979, p. 66).

Agradar com belos versos, bem estruturados não é o suficiente para o poeta francês, nem cabia à arte fixar-se somente em tratados de virtude. O poeta deve agradar ao seu espectador, mas deve distraí-lo de forma útil. Cabe aqui notarmos uma importância dada por Boileau a quem a obra é dedicada: "Um leitor inteligente foge de um entretenimento frívolo e quer empregar sua distração de maneira útil" (BOILEAU, 1979, p. 66).

Boileau amplia a discussão, acrescentando o critério de dedicação da obra. O autor cria sua obra não para por em sua estante e contempla-la, mas para que seja alvo dos olhares do outrem. Não seriam quaisquer pessoas a compreenderem a complexidade dos versos de um poeta excelente, tão pouco, as pinceladas de um pintor genial. Existe neste a quem foi dedicada a obra uma fineza, um refinamento, aliás, um letramento.

De certo que com isso demonstra algumas características do que é agora a arte. Em geral, a própria arte foi refinada. Faz muito tempo que não ouvimos falar daqueles grandes homens infinitamente importantes para a raça humana. Quem sabe, não existissem pessoas de gênio que soubessem forjar peças de ferro, nem preparar a terra ao plantio ou ainda caçar como um verdadeiro predador. Não era infelizmente isso. Um abismo enorme já foi criado, o que outrora eram características divinas passadas para humanidade por Prometeu, agora são apenas ofícios.

O futuro guarda para a humanidade cada vez menos importância aos ofícios. A morada das Musas fora vendida aos homens que ofereceram o maior valor, não importando se ardia neles o fogo divino do gênio criador. Adjetivaram suas criações daí por diante de *belas artes*. Tornaram-se senhores do gosto, ditadores da moda, produtores de entretenimento. E a sociedade tornou-se enfim, refém do grande obstáculo que é a aparência.

A arte tornou-se privada. Os novos autores dedicam suas obras a quem lhes der o direito de serem chamados de gênios. As discussões sobre *belas artes* passaram a ser objeto de poucos, dos ditos mais conhecedores. Nunca fora tão espesso o véu da aparência que cobria a verdade. Só restava a moribunda humanidade exaltar o nome destes senhores sem nunca os compreender.

Nasce então em Genebra um gladiador contra as aparências, em favor da verdade. Protagonista de seu tempo nessa luta contra a "moda filosófica" estabelecida. Este homem



que antes de tudo sentiu, dedicou sua vida a verdade, e compreendendo o estado de escravidão no qual se encontrava a humanidade, ousou enfrentar estes homens que se creditavam o título de senhores da arte.

#### 4. Rousseau: entre o Gênio e o homem de Gosto

De que maneira o filho de um relojoeiro iria entrar na antiga morada das Musas, assentar-se na roda destes detratores, apontar-lhes o dedo e perguntar-lhes como podem deitar calmamente e dormir em suas camas todos os dias com o peso de terem enganado toda humanidade mais uma vez? Sequer conseguiria adentrar. Todavia, melhor que forçar a entrada, era ser convidado por eles a sentar-se.

Passou Rousseau boa parte de sua vida buscando a glória. Era preciso primeiro ser reconhecido, para depois ser ouvido.

Confesso que não fugia da oportunidade de me tornar conhecido, mas também não a procurava fora de propósito; parecia-me muito justo que, servindo bem, aspirasse ao prêmio natural aos bons serviços, que é a estima daqueles que estão em condições de os julgar e de os recompensar (ROUSSEAU, apud MAY, 1997, p. 16).

Foi copista, preceptor entre outros cargos, mas nenhum destes o levou ao seu objetivo. Devia ele encontrar nas próprias *belas artes* o caminho que o levaria ao reconhecimento. Conforme Georges May (1997, p. 17): “Tendo ensaiado, sem grande êxito, os melhores meios da época para conseguir vencer, Rousseau irá recorrer, mais metodicamente do que outrora, àquele que indubitavelmente se revelará mais eficaz: a literatura”.

Rousseau já tinha escrito uma peça intitulada *Musas Galantes*, mas não seria esta obra que o tornaria celebridade. Queria o destino que o “convite” fosse dado, ainda que indiretamente, a ele por aqueles os quais devia combater. Em dia totalmente auspicioso, caminhando para fazer uma visita ao seu amigo preso, tomou o *Mercure de France* e encontrou nele a questão que marcaria este dia e sua vida:

Um dia levei o *Mercure de France*; e, enquanto caminhava e o folheava, deparei com a questão proposta pela Academia de Dijon para o prêmio do ano seguinte: Se





*o progresso das ciências e das artes tinha contribuído para corromper ou para apurar os costumes* (ROUSSEAU. 2011, p. 332-333).

Rousseau estava indo visitar seu querido amigo Diderot que estava preso no castelo de Vincennes, quando se depara com a oportunidade que tanto esperava. A *fortuna* batia a sua porta. A Academia de Dijon promovia um concurso para premiar o melhor discurso sobre o tema proposto. Todavia, poderia-se dizer que o tiro saiu pela culatra já que não fora um discurso exaltando o progresso mas sim menoscabando este.

Corram, apressem-se, gritem pelos confins da terra que novamente alguém sentiu arder o fogo divino dentro de si. O que parecia ter sido escondido dentro da gaveta de uma escrivanhinha, esquecido por não mais importar a quem quer bem fazer, torna a mostrar-se. Tomou um homem, e transformou-o: “Assim que fiz a leitura, divisei um outro universo e tornei-me um outro homem” (ROUSSEAU. 2011, p. 333).

Este “outro homem” de sentimentos ainda mais elevados para que pudesse junto às ideias compor a obra que começaria sua jornada de combates a favor da verdade era realmente gênio ou mais um enganador? Teria sido ele apenas usado pelas Musas ou haveria algo além disso?

Para compreender quem seria Rousseau, faz-se interessante conhecer sua ideia sobre o assunto. Em seu *Dicionário de Música*, Rousseau nos indica o que seria para ele o gênio:

O que entendo por gênio [...] é este fogo interior que queima, que atormenta o Compositor contra a sua vontade, que, incessantemente, lhe inspira Cantos novos e sempre agradáveis; expressões vivas, naturais e que se dirigem ao coração; uma Harmonia pura, comovente, majestosa, que reforça e embeleza o Canto sem o abafar (ROUSSEAU, 2012, p. 83).

Quando este nos afirma ser o compositor levado contra sua vontade, ele parece aceitar de bom grado o desígnio dos deuses, parece que as musas devem tomar o homem como o faziam com os antigos poetas. De fato o gênio é fruto de inspiração. Nesse caso, poderíamos afirmar que o discurso enviado à Academia de Dijon era apenas o que as Musas queriam dizer, e disseram, utilizando de um vaso humano para proferir a humanidade o que desejavam os deuses.



Caberia a acusação dos homens de letras se perguntassem onde haveria razão em tal discurso? Todavia, cabe aqui citarmos o que compreende Rousseau sobre o Compositor:

[...] a exposição dos conhecimentos necessário para saber compor, os quais ainda não são suficientes para formar um verdadeiro compositor. Toda ciência possível não basta sem o gênio que a põe em prática. Qualquer esforço que se possa fazer, qualquer experiência que se tenha, é preciso ter nascido para esta Arte (ROUSSEAU, 2012, p. 82).

Rousseau em nenhum momento distanciou-se da razão, pois além deste verbete em seu dicionário, onde é nítido que o compositor precisa também de ciência, de conhecimentos para compor, mas não só deles, em suas *Confissões*, quando comentando sobre o discurso, afirmou que não é possível aprender repentinamente sobre a arte de escrever. Outro fato interessantíssimo neste trecho é quando o genebrino novamente demonstra-se um classicista. Nascer para esta Arte, é dizer que para cada homem se designe uma arte a qual este sabe melhor fazer.

De fato, para respondermos a questão se Rousseau é realmente gênio ou cobriu-se também com o véu da aparência, é preciso servir-nos de seu entendimento do que seria o gênio em seu verbete assim intitulado:

Não procure, jovem artista, o que é o Gênio. Se o tens: tu o sentes em ti mesmo. Não o tens: não o conhecerás jamais. O Gênio do Músico submete o universo inteiro à sua Arte. Ele pinta todos os quadros com Sons; ele faz o próprio silêncio falar; ele traduz as ideias por meio de sentimentos, sentimentos por meio de acentos, e as paixões que expressa, ele as excita no âmago dos corações. Por meio dele, a volúpia adquire novos charmes, a dor que faz gemer arranca gritos, ele arde continuamente e jamais se consome. Ele exprime com ardor as geadas e os gelos; mesmo ao pintar os horrores da morte, traz na alma este sentimento de vida que jamais o abandona, e que ele comunica aos corações feitos para senti-lo. Mas que infelicidade! Nada sabe dizer a quem não possui seu germe, e seus prodígios são poucos perceptíveis a quem não pode imitá-los. Queres então saber se deste fogo devorador alguma centelha te anima? Corre, voa a Nápoles para ouvir as obras primas de *Leo*, de *Durante*, de *Jomelli*, de *Pergolesi*. Se teus olhos se enchem de lágrimas, se teus coração sentes palpitar, se te agitam estremecimentos, se em teus enlevos a opressão te sufoca, pega o *Metastasio* e trabalha; seu Gênio exaltara o teu; criarás a seu exemplo: é isto o que faz o Gênio, e logo outros olhos te devolverão as lágrimas que teus mestres te fizeram derramar. Mas se os encantos desta grande Arte deixam-te tranquilo, se não tens delírios nem arrebatamento, se consideras belo apenas aquilo que arrebatava, ousas perguntar o que é o Gênio? Homem vulgar, jamais profanes este nome sublime. Que te importaria conhecê-lo? Não saberias senti-lo: faz Música francesa (ROUSSEAU, 2012, p. 90).



É impossível que compreendam o gênio aqueles que não o tem. Como o iriam entender aqueles os quais não sentiam em si este fogo que nos narra o filósofo? Impossível. Não importa do que falasse, tão pouco as palavras que usasse, não reconheceriam o gênio pois não são. Continuariam estáticos, desencantados, talvez fizessem pior, e assim foi, zombaram da obra do genebrino, tornaram-o motivo de chacotas.

Só um gênio reconhece o outro. Apenas aqueles que falam a mesma língua compreendem-se. Desta maneira, o paladino da verdade utiliza uma citação de Ovídio no começo de seu *Discurso* que diz: "*Barbarus hic ego sum quia non intelligor illis*", que poderíamos traduzir como: "Consideraram-me bárbaro pois não me compreenderam". Luciano Façanha em seu artigo *Da natureza ao diagnóstico do 'mal-estar na civilização' em Rousseau*, diz-nos que antes dessa citação, o cidadão de Genebra usara uma outra frase de Horácio: "*Decipimur specie recti*", (Somos enganados pelas aparências). Ambas as citações parecem ter seu objetivo. Esta última aparecia antes de ser publicado seu discurso, a primeira, no momento da publicação. Talvez quisesse Rousseau primeiro mostrar o objetivo do seu discurso, e em seguida responder previamente ao seus acusadores.

É fato que aquelas primeiras querelas que suscitamos no início de nossos escritos, surgem para questionar-nos novamente. Se apenas gênios se compreendem, e não é qualquer um que o é, as obras se tornam produtos de poucos, para estes mesmos? Não seria exatamente isso.

Com o verbete supracitado, Rousseau toma, de certa forma, o mesmo caminho que Boileau percorreu. Era preciso inspiração, ter nascido para esta arte. Todavia se fazia necessário também que quem criasse, fosse um homem letrado. O Gênio é força que dá a forma, que modela, mas ele precisa da matéria a ser modelada, pois, sem ela, de nada adianta ter o germe divino.

Destarte, a característica, a genialidade do modelar, muito provavelmente, seria percebida apenas por esses semi-divinos que permanecem entre os homens. Mas e a matéria a ser modelada? Seria ela também cognoscível apenas a estes? Ora, a matéria na verdade é a tradição literária até então deixada pelos homens, sendo eles gênios ou não.

Estes homens, ainda sim tão celebres, de pouco ou nenhum gênio assim o fizeram porque podiam. Se perguntássemos ao genebrino quem são estes senhores, talvez nos respondesse que alguns deles são homens de Gosto. E sobre este assunto o mesmo



também escreveu um verbete que pode nos ajudar a compreender que o letramento é importante também àqueles a quem a obra é destinada:

De todos os dons naturais, o Gosto é aquele que melhor se sente e menos se explica; ele não seria o que é se pudéssemos defini-lo, pois ele julga objetos sobre os quais o juízo não tem mais meios de apreender e serve, se assim ousar falar, de lentes à razão. [...] Cada homem tem um *Gosto* particular, por meio do qual dá às coisas que chama de belas e boas uma ordem que só diz respeito a ele. [...] Em todos estes casos, como cada um tem apenas o seu *Gosto* para opor ao de outro, é evidente que não se deve disputá-lo de maneira alguma. Mas há também um *Gosto* geral sobre o qual concordam todas as pessoas esclarecidas e é somente a este que se pode dar absolutamente o nome de *Gosto*. Fazei com que ouvidos suficientemente treinados e homens suficientemente instruídos ouçam um Concerto: a maior parte deles geralmente estará de acordo sobre o julgamento dos trechos e sobre a ordem de preferência que lhes convêm. Perguntai a cada um a razão de seu juízo, há coisas sobre as quais eles irão apresentá-la com uma opinião quase unânime: tais coisas são aquelas que se encontram submetidas às regras; e este juízo comum é, portanto, aquele do Artista e do conhecedor. [...] e este último juízo pertence ao homem de *Gosto*. Se a unanimidade perfeita não é aqui encontrada, isto se deve ao fato de que nem todos são igualmente bem esclarecidos, nem todos são pessoas de *Gosto* e os preconceitos do hábito ou da educação, por meio de convenções arbitrárias, frequentemente mudam a ordem das belezas naturais. Sobre este *Gosto* pode-se discutir, pois apenas um é o verdadeiro: mas não vejo absolutamente outro meio de terminar o embate que não seja a contagem das vozes, quando nem sequer se admite a da natureza (ROUSSEAU, 2012, p. 91-92).



Eram eles homens de *Gosto*. Mas mesmo entre eles existia, como Rousseau aponta, diferença entre os esclarecidos e não esclarecidos. Àqueles é possível esperar que compreendam a matéria de uma obra, a estes nem isso.

Temos assim a possível dupla de protagonistas que atuam na Arte, aquele que cria e quem aprecia. Mas há algo interessante sobre este dois e Rousseau. Aqui há, assim como quando investigávamos sobre o gênio, uma inclinação do paladino da verdade demonstrando que também é homem de *Gosto*. Basta lembrarmos que seu discurso não só foi aceito pela Academia como ganhou o prêmio. Ora, não sendo homens de gênio aqueles que o julgaram, a única solução é terem encontrado em seu discurso um conjunto teórico que os arrebatou.

Uma última citação do *Dicionário* de Jean-Jacques faz-se necessária, para compreendermos o papel exato de cada um destes dois:

De resto, o Gênio cria, mas o *Gosto* escolhe; e frequentemente um Gênio excessivamente fecundo necessita de um censor severo que o impeça de abusar de suas riquezas. Sem o *Gosto* podem-se fazer grandes coisas, mas é ele que as torna interessantes. É o *Gosto* que faz o Compositor aprender as ideias do poeta; é o *Gosto* que faz o Executante aprender as ideias do Compositor; é o *gosto* que

fornece a ambos tudo o que pode adornar e valorizar seu objeto; e é o Gosto que dá ao Ouvinte o sentimento de todas essas conveniências (ROUSSEAU, 2012, p. 93).

Rousseau bate o martelo. Designa a cada um a sua representação, o seu papel. E tira-nos qualquer dúvida da ordem de quem ele possa ser. Como criador da obra que trouxe uma reviravolta ao seu século, foi genial. Nela criticou os seus contemporâneos com firmeza e principalmente demonstrando grandiosa compreensão.

Jean-Jacques Rousseau, cidadão de Genebra, retoma toda a tradição de grandes pensadores, e após sentir em si o fogo divinal que o transforma, trabalha em cima destes senhores. Constrói sua filosofia e a dedica a todo aquele que por ela for tocado, como ele o foi. Cultivou e usufruiu da terra que fora arada e da semente frutífera plantada pelos seus antecessores geniais. E após colher os frutos, seguiu o mesmo exemplo destes. Preparou a terra, plantou a semente. Cabe agora que um novo agricultor genial venha e continue o seu cultivo.



## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Os pensadores.

FAÇANHA, Luciano da Silva. **Da natureza ao diagnóstico do 'mal-estar na civilização em Rousseau**. *Polietica*. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 70-87, 2014.

MAY, Georges. **Rousseau: o gênio e a obra**. Tradução: Luís Serrão. Lisboa: Ed. Europa-América, 1997.

PLATÃO. **A República**. Tradução: Enrico Corvisiere. São Paulo: Ed. Nova Cultura, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ion**. Introdução, tradução e notas: Victor Jabouille. Lisboa: Ed. Inquérito LDA, 1988.

**LUNA, Roney Francisco Lima; FAÇANHA, Luciano da Silva. A REPRESENTAÇÃO DO GÊNIO E DO HOMEM DE GOSTO: CONSIDERAÇÕES E RELAÇÕES DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA À ROUSSEAU. p. 20-33**

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **As Confissões**. Tradução: Wilson Lousada. São Paulo: Martin Claret, 2011.

\_\_\_\_\_. **Discurso sobre as ciências e as artes**. tradução: Roberto Leal Ferreira. – São Paulo: Martin Claret, 2010.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos : estudos de psicologia histórica**. Tradução: Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

YASOSHIMA, F. **O dicionário de música de Jean-Jacques Rousseau; Introdução, Tradução parcial e notas**. 2012. 300 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.



LUNA, Roney Francisco Lima. A REPRESENTAÇÃO DO GÊNIO E DO HOMEM DE GOSTO: CONSIDERAÇÕES E RELAÇÕES DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA À ROUSSEAU. **Kalagatos**, Fortaleza, Vol.16, N.1, 2019, p. 20-33.

Recebido: 12/2017  
Aprovado: 07/2018

